

MEMÓRIA E (TRANS)GÊNERO: SOBRE A AUTOBIOGRAFIA DE HERCULINE BARBIN

MEMORY AND (TRANS)GENDER: ON HERCULINE BARBIN'S AUTOBIOGRAPHY

Marcelo Branquinho RESENDE*

RESUMO: O presente artigo visa questionar, por meio da teoria da performatividade de Judith Butler, somada às teorias da memória de Bergson e Maurice Halbwachs, o quanto a memória coletiva influencia na modulação da subjetividade de si mesmo e da forma como nos relatamos enquanto sujeitos em narrativas autobiográficas ou confessionais. Para isso, tomaremos como corpus a autobiografia de Herculine Barbin, uma das primeiras a serem publicadas de autoria de pessoas designadas intersexo/transgênero da qual se tem conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: memória; autobiografia; gênero; transexualidade.

ABSTRACT: The following article intends to question, through Judith Butler's theory of performativity, along with Maurice Halbwachs' memory theories, how much collective memory influences the modulation of subjectivity of oneself and the way in which we account ourselves as beings in autobiographical or confessional narratives. For this, we take as object of study Herculine Barbin's autobiography, which is known as one of the first of the genre to be written by a person who is designated as intersex/transgender.

KEYWORDS: memory; autobiography; gender; transexuality.

Introdução

Motivados pelos questionamentos das vozes subalternas que desde o início dos anos 1960 desconstroem e desestabilizam os valores inerentes à normatividade da sociedade heterofalocrática do capitalismo tardio, os estudos culturais têm se debruçado, cada vez mais, sobre obras referentes às vozes da comunidade LGBTQ+. A exemplo, nota-se interesse emergente pelo desenvolvimento de uma epistemologia a respeito de obras literárias de autoria de pessoas definidas, segundo a ciência médica atual, como transgêneros, ou seja, que não se identificam com a performatividade historicamente e discursivamente atribuídas ao sexo e gênero que lhes foram designados ao nascimento.

O presente trabalho dedica-se a uma das primeiras memórias publicadas em forma de autobiografia de autoria hermafrodita/transgênero cuja publicação é sabida, a de Herculine Barbin. A edição aqui utilizada é a republicada por Foucault em 1970, em que algumas partes omitidas pela primeira publicação em 1860 foram recuperadas. Como apontado pelos estudos de Laqueur (2001), Bento (2006) e Leite Jr. (2011), o termo

* Mestrando em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). E-mail: marcelobranquinho9@gmail.com

transexualidade foi criado ao longo do século XX pelas ciências médicas e psi com a intenção de patologizar pessoas até então tidas como andróginas, intersexo, eonistas, hermafroditas, entre outras designações empregadas pelas motivações heterofalocráticas da sociedade patriarcal para estabelecer categorias sociais como forma de alimentar uma economia heterossexual perene. Como notado pelo estudo de Califia (2003), no contexto de escrita e posterior publicação da autobiografia de Herculine não havia uma subjetividade suficientemente cristalizada para a posterior criação de militância para lidar com a própria condição de hermafrodita, cabendo a esses sujeitos o sofrimento e a aceitação de si mesmos como estranhos cujo fato da simples existência fugir das normalidades impostas pela sociedade de sua época já ser suficiente para transformá-los em corpos estranhos cuja existência deveria ser apagada. Podemos pensar na subjetividade trans e no que o senso comum entende como transgeneridade a partir da herança memorial de Herculine Barbin, que data do século XIX? Qual é o impacto que este tipo de cânone exerceria sobre a memória coletiva das pessoas trans? Segundo Maurice Halbwachs, a memória coletiva

Envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. [...] Não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990, p.53-54).

Ao colocar as instituições formadoras do sujeito como instâncias protagonistas na criação das subjetividades da memória individual, Halbwachs vai contra os princípios bergsonianos de que a constituição desse tipo de memória seria construída a partir de sua própria autonomia do passado. De modo que para Halbwachs a conservação da memória como tal exigiria um esforço do sujeito para conservar diversos aspectos que lhe fogem do controle, sendo assim, a memória individual estaria subordinada a uma memória coletiva de um grupo, que por sua vez estaria atrelada a uma memória social, sendo assim, a memória que prevaleceria sobre a dos grupos de pessoas transexuais seria a de pessoas cisgêneros e heterossexuais, fazendo com que as chamadas sexualidades e gêneros dissidentes ocupem a posição de uma submemória dentro do grupo social em que estão inseridos.

No campo dos estudos de gênero, destacamos aqui a teoria da sujeição e performatividade desenvolvidas pela filósofa norte-americana Judith Butler. Ao colocar

em prática uma teoria polifônica entre a fenomenologia, a psicanálise lacaniana, as teorias foucaultianas e a desconstrução derridiana, Butler questiona os modos pelos quais os discursos sócio-históricos fabricam as subjetividades e moldam as formas actanciais de cada ser, ao que a filósofa atribui o termo performatividades. As performances se dão na prática por meio de instâncias aparentemente invisíveis que materializam supostas identidades de gênero, raça, nacionalidades, discursos de ódio, entre outros.

No que concerne ao gênero enquanto ato performático, o modo de se vestir, agir, falar, gesticular e manifestar gostos são formas de materializar e conseqüentemente performar determinadas identidades, que, segundo os seus dispositivos reguladores, são formas de validar o respectivo sexo correspondente ao gênero masculino ou feminino. Tal binarismo na delimitação de territórios específicos para as manifestações identitárias ainda vigente neste início de século XXI é uma herança da modernidade, época marcada pelo nascimento do aparato regulador discursivo responsável por sustentar a economia falocêntrica, que por sua vez permite a sua continuidade. A performatividade como matriz materializadora de supostas identidades sociais traz consigo a regulação do sexo, que funcionaria como continuidade do gênero, de modo que ambas estruturas sejam confundidas como uma só nos discursos médicos e jurídicos. A modulação do sexo enquanto algo biológico isentou, durante muito tempo, esta categoria de ser problematizada e desconstruída pelas correntes feministas, que viam gênero e sexo como duas instâncias separadas e não correlatas. Tal concepção foi aceita pelos estudos feministas até o período pós-guerra em fins de anos 1950, quando o desenvolvimento e surgimento da fenomenologia de Merleau-Ponty, da desconstrução derridiana e das arqueologias foucaultianas permitiram um novo olhar sobre as concepções aparentemente ontológicas atribuídas ao sexo.

Em *Problemas de gênero*, os estudos de Butler concluem que alguns traços distintos e aleatórios são distribuídos pelo corpo, o que resulta na categorização e divisão em dois grupos sexuais aos quais são atribuídos papéis de gênero, que por sua vez funcionariam como um efeito da produção de identidades pré-concebidas em torno do signo da genitália. Ao desconstruir o caráter de ontologia dos discursos sobre as categorias do sexo, Butler conseqüentemente desconstrói as categorias da sexualidade e gênero, apontando que a discursividade adotada como definidora de identidades individuais funcionaria na verdade como uma instituição de biopoder, e evidencia a historicidade sócio-jurídica que rege as liberdades individuais, colocando em dúvida a qualidade emancipatória das ideologias enquanto ferramentas de formação de subjetividades pautadas em categorias cujo caráter aparentemente ontológico seria na

verdade produto de outras ideologias discursivas que exercem sua função como forças invisíveis, já que o aparato que lhe dá força e sustentação dataria da formação das sociedades ocidentais na Antiguidade, sendo remodeladas e renovadas em sua posteridade, garantindo sua sobrevivência até a Modernidade e contemporaneidade por meio da destruição de elementos sociais capazes de divergir do modelo ditado pelas instâncias heterofalocráticas, como pode ser observado por meio do conflito interno, na ansiedade, na insegurança e no forte sentimento de rejeição manifestado por Herculine Barbin em suas memórias autobiográficas.

Um diálogo entre estudos de gênero e da memória

Ao discorrer sobre Herculine Barbin em *Problemas de gênero*, Butler problematiza a leitura de Foucault sobre a obra no que concerne sua tentativa e necessidade de encaixar Barbin em categorias sexuais ditas ontológicas, de modo a contradizer a própria crítica embutida em suas teorias a respeito da necessidade de categorização jurídica das sociedades ocidentais, já que ao longo da narrativa autobiográfica testemunhamos como HB conseguia expressar sua sexualidade e como ela era reforçada por um ambiente homoerótico (um convento apenas de mulheres, os cuidados de Herculine com Sara, que tinha a liberdade de dividir com ela a mesma cama, estando ambas nuas) e ao mesmo tempo repressor, pois forçava Herculine a fazer confissões a respeito de si e de sentir-se culpado pela sua fisicalidade

A ambivalência de Herculine implica aqui os limites da teoria do “limbo feliz de uma não identidade”. Quase a prefigurar o lugar que assumiria aos olhos de Foucault, ela/ele imagina se não seria o “joguete de um sonho impossível”(p. 79). A predisposição sexual de Herculine é de ambivalência desde o começo, e, como já foi dito, sua sexualidade recapitula a estrutura ambivalente de sua produção, construída em parte como injunção institucional de buscar o amor das várias “irmãs” e “mães” da família ampliada do convento, e como a proibição absoluta de levar esse amor longe demais. Sua sexualidade não está fora da lei, em que a própria noção de proibição abarca os terrenos psicanalítico e institucional. Suas confissões, assim como seus desejos, são a um só tempo sujeição e rebeldia (BUTLER, 2017a, p.1983-184).

Ao propor uma análise de Herculine Barbin sob o viés da teoria da sujeição e sob uma análise inserida no contexto jurídico de biopoder controlador da sociedade do século XIX por meio do dispositivo da confissão, Butler confia totalmente no viés da teoria da sujeição e no contexto político-social em que Herculine estava inserido. Levando em

consideração o que ela diria mais tarde em *Relatar a si mesmo* a respeito da norma como elemento ao mesmo tempo formador e repressor de subjetividades, podemos ver que há uma continuidade entre suas ideias, pois as mesmas reafirmam a condição de sujeitos não-ontológicos na sua busca autobiográfica ou autofictícia no modo de construir uma narrativa para si.

Por outro lado, no campo dos estudos da sociologia, a teoria de Halbwachs em *A memória coletiva* é a de que, para além de uma memória coletiva e individual, cada grupo social pode produzir seu próprio conjunto de memórias, quase como se esta funcionasse como uma submemória daquela que é colocada como memória coletiva da sociedade como um todo. Para Halbwachs, há de um lado uma memória autobiográfica e, de outro, uma memória coletiva, que pode produzir uma memória histórica. Apesar dessa aparente oposição, existe, por vezes, um diálogo entre memórias, já que a criação de uma subjetividade frequentemente recorre à memória coletiva para validar posições, crenças e posturas relativas à sua própria subjetividade construída no passado, já que

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões a lembrança se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado (HALBWACHS, 1990, p.71).

Para validar sua tese, Halbwachs toma como exemplo a existência de documentos históricos, sejam eles escritos ou audiovisuais, para que possamos esclarecer dúvidas a respeito de acontecimentos de âmbito pessoal ou individual. Ao estudarmos os diários de Herculine publicados em forma de diário, vemos que uma das primeiras referências que compõem sua memória individual advindas da coletiva é a do mito de Tirésias, das *Metamorfoses* de Ovídio. Tal referência é feita logo nas primeiras páginas do escrito, ao revelar seu gosto pela leitura: "Confesso que fiquei especialmente abalada com a leitura das metamorfoses de Ovídio. Aqueles que a conhecem podem ter uma ideia. Este achado teve um significado em particular que o restante de minha história deixará bem claro" (BARBIN, 2014, p.41, tradução nossa). Ao iniciar o relato de sua vida, Barbin, cujo nome de nascimento era Alexina B., já introduz a si mesmo como uma personagem trágica predestinada ao sofrimento e à morte

Tenho vinte e cinco anos, e, mesmo que ainda jovem, eu me aproximo, sem dúvidas, dos termos finais de minha existência. Eu sofri muito, e sofri sozinho! Sozinho! Abandonado por todos! Meu lugar não era bem delimitado nesse mundo eu que eu estava foragido, que me amaldiçoou. Nenhum ser vivo não deveria se associar a essa dor imensa que me fisgou a partir da infância, uma idade em que tudo é belo, porque tudo é novo e promissor (BARBIN, 2014, p.26, tradução nossa).

Ao analisar a narrativa autobiográfica de Herculine, Judith Butler aponta para a heteroglossia discursiva presente na obra (BUTLER, 2017a, p.184), que remete muitas vezes às *Metamorfoses* de Ovídio, como também mitos gregos de andróginos suicidas e lendas cristãs de sujeitos amaldiçoados, além da própria figura mítica de Jesus Cristo (BUTLER, 2017a, p.173). A subjetividade de Barbin enquanto pessoa hermafrodita/intersexo que vivia na França do século XIX já carregava consigo traços de uma memória de um grupo particular no que diz respeito à sua indefinição sexual que não lhe permitia viver sem a necessidade de assumir as respectivas performances de gênero atribuídas ao sexo masculino.

Se colocarmos em diálogo as teorias de memória coletiva de Halbwachs com as teorias butlerianas de sujeição e performatividade para explicar a tendência suicida e trágica dos escritos de Herculine, poderíamos pensar a respeito do legado de uma literatura andrógina advinda da Antiguidade, uma vez que a cultura grega era fortemente sustentada por uma mitologia de base metafísica em que deuses emprestavam seus corpos para transpor questões políticas e morais da sociedade. O mito do andrógino Tirésias traz o personagem transformado em mulher como maldição de Hera, e posteriormente transformado novamente em homem após discordar de Zeus em uma briga com Hera. Por ter pertencido a ambos os sexos, Tirésias é considerado uma pessoa sábia e por isso usado como conselheiro para casais em crise. Nelly Emont, em seu ensaio *Les aspects réligieux de l'androgynie dans la littérature du XIXème siècle*, mostra como as figuras andróginas presentes nos romances franceses estavam em consonância com a crença no fim do mundo e que o fim daquele século representaria também o fim do homem e da civilização. Seja na Antiguidade ou na Modernidade, o andrógino na literatura carrega consigo a predestinação para a tragédia.

Thomas Laqueur, em *Inventando o sexo* (2001) direciona sua historiografia das performatividades atribuídas ao corpo ao longo da história ocidental. Na Antiguidade, a ideia do sexo único era amplamente aceita pela sociedade e meio científico, de modo que os corpos classificados como masculino ou feminino eram vistos de forma complementar, ao invés de hierárquica. Durante a Idade Média e a Renascença o mesmo modelo

prevaleceu, uma vez que os estudos na área de embriologia eram pautados pelo empirismo dos médicos (estes sempre pertencentes ao sexo masculino), e todos os estudos desenvolvidos pela área careciam de dados científicos a respeito da real anatomia feminina, evidenciando a real intenção por trás da criação de um discurso médico falocêntrico que tinha por fim a tentativa de apagamento da existência de um sexo feminino, de modo a perpetuar os direitos de cidadania exclusivos a homens brancos de classe abastada, como já ocorria desde a Antiguidade. O mito de Tirésias e os romances com personagens andróginos no século XIX servem como documentos históricos que revelam o que havia por trás de um discurso científico aparentemente mais progressista em comparação ao modelo binário adotado a partir do século XIX.

Alguns autores norte-americanos, como Patrick Califia (2003) e Genny Beemyn (2011), fizeram um esforço em traçar uma historiografia de publicações de pessoas transgênero. Califia nota que a tendência da literatura de autoria trans é, predominantemente, de cunho autobiográfico. Para isso, divide a literatura transgênero em uma primeira e segunda ondas, apontando os principais marcos da primeira como sendo o diário do Chevalier d'Eon de Beaumont, publicado após sua morte em 1810; a autobiografia de Herculine Barbin, publicada pela primeira vez por um médico legista em 1860, e posteriormente resgatada por Michel Foucault em 1970; e por fim, a autobiografia de Christine Jorgensen em 1963, a primeira mulher famosa a assumir publicamente a sua condição nos Estados Unidos, cuja polêmica em torno de sua transgeneridade deveu-se principalmente ao fato de Jorgensen ter feito parte do exército norte-americano e servido o país durante a 2ª Guerra Mundial. A transição entre a primeira e a segunda ondas da literatura trans é marcada, segundo Califia, pela publicação, em 1983, da autobiografia de Renée Richards, uma tenista e ativista transexual norte-americana. A partir de então, Califia nota que esse tipo de autobiografias são marcadas pela consciência da própria condição e por uma militância característica da subjetividade contemporânea desse grupo social.

Assim como Califia, Genny Beemyn (2011) também busca historiografar as autobiografias de pessoas transgênero, e para isso parte do grande crescimento que as publicações do tipo tiveram durante os anos 60 e 70 nos Estados Unidos. No entanto, Beemyn ressalta que a maioria dos esforços de construir uma memória para este segmento tido como subalterno erra ao reproduzir uma mentalidade eurocêntrica, burguesa e supremacista, desconsiderando as manifestações literárias advindas de comunidades latino-americanas e negras, de modo a descartar a interseccionalidade como ponto de partida importante para entender a subjetividade trans contemporânea, que ao contrário

do que foi estabelecida com a canonização das primeiras autobiografias, não pode mais ser considerado algo restrito a camadas burguesas de países imperialistas.

A consciência da condição hermafrodita de Herculine Barbin

No parágrafo inicial de seu diário, Herculine refere-se a si mesmo fazendo uso do gênero masculino, o gênero com o qual se identificava, e logo em seguida mistura os gêneros dos adjetivos usados para descrever a si mesmo

Preocupado e sonhador, minha testa parecia ceder sob o peso da melancolia sombria. Eu era fria, tímida, e de algum modo, insensível a todas essas alegrias ruidosas e ingênuas que fazem florescer o rosto de criança.

Eu gostava da solidão, esta companheira do infortúnio, e, quando um sorriso benevolente surgiu sobre mim, fiquei animada, como um favor inesperado (BARBIN, 2014, p.26, tradução nossa).

Com o desenrolar de sua narrativa sobre si, Herculine passa a empregar adjetivos predominantemente no feminino, porém refere-se a si hora no masculino, ora no feminino, não havendo uma regularidade com relação ao gênero com o qual se identificava. A subjetividade do narrador é predominantemente melancólica e trágica a respeito de sua história de vida, em que narra sua vida escolar e a primeira comunhão no convento de Ursulines, e posteriormente seu trabalho como cuidadora uma jovem garota (aqui chamada Sara) por quem se apaixonou e que a forçou assumir a sua condição. Na narrativa, muitos nomes de pessoas e lugares são omitidos ou trocados, a fim de evitar com que o narrador pudesse ter problemas ou magoar as pessoas envolvidas na narrativa. Barbin nomeia-se Camille dentro da história. A partir dessa indefinição de nome próprio, gênero e de uma visão de mundo melancólica, em que o narrador via a si mesmo como um foragido no mundo, podemos observar que uma das primeiras narrativas de autoria transgênero traz cristalizada consigo uma autoimagem negativa e um destino trágico inerente ao seu percurso. Sobre a imagem de si mesmo, Judith Butler afirma que

Esse trabalho sobre si mesmo, esse ato de circunscrição, acontece no contexto de um conjunto de normas que precede e excede o sujeito. Investidas de poder e obstinação, essas normas estabelecem os limites do que será considerado uma formação inteligível do sujeito dentro de determinado esquema histórico das coisas. Não há criação de si (poiesis) fora de um modo de subjetivação (assujettissement), e portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito

deve assumir. [...] Criar-se de tal modo a expor esses limites é precisamente se envolver numa estética do si-mesmo que mantém uma relação crítica com as normas existentes (BUTLER, 2017b, p. 29).

O ambiente no qual o protagonista encontra-se inserido é cruelmente conservador e normativo, além de ser um espaço significativo para a construção da subjetividade do personagem central da narrativa, pois a igreja, desde sua hegemonia durante a Idade Média até os tempos da Idade Moderna no século XIX atua como uma figura onipresente da opressão e aniquilação de subjetividades dissidentes da qual toma como modelo. Assim como Butler afirma a respeito de Herculine Barbin a partir do âmbito da sexualidade em *Problemas de gênero*, em *Relatar a si mesmo* Butler discorre sobre o poder da norma e do ambiente sobre a modulação de si mesmo e da criação de uma autoimagem

A norma não produz o sujeito como seu efeito necessário, tampouco o sujeito é totalmente livre para desprezar a norma que inaugura sua reflexividade; o sujeito luta invariavelmente com condições de vida que não poderia ter escolhido. [...] Sua luta ou dilema primário devem ser produzidos por um mundo, mesmo que tenhamos de produzi-lo de alguma maneira. Essa luta com as condições não escolhidas da vida – uma ação – também é possível, paradoxalmente, graças à persistência dessa condição primária da falta de liberdade (BUTLER, 2017b, p. 31).

A tentativa de Herculine de se expressar sentimentalmente e sexualmente mesmo inserido em um ambiente conservador e involuntariamente homoerótico desde sua infância revela uma tendência para a tenacidade do protagonista e de uma espécie de resiliência identitária. Uma vez que no século XIX não havia nenhum tipo de discussão a respeito das identidades subalternas e muito menos uma consciência identitária em comum entre pessoas hermafroditas, não pulsava em Herculine a noção de transcendência e de subversão a uma identidade ontologicamente preconcebida pelos meios conservadores da sociedade, sendo a igreja o expoente máximo representativo dessa camada.

Apesar de consciente sobre sua condição, Herculine não entra em maiores detalhes a respeito de sua formação genital ou de suas diferenças físicas que o fazem sentir rejeitado pela sociedade. É apenas depois da confissão para médicos legistas que ele se encontra obrigado a aceitar a própria condição de pessoa hermafrodita, e assim, assumir-se publicamente como homem, perdendo seu trabalho de cuidador e se vendo obrigado a ficar distante de Sara, sua família e da sociedade como um todo. Tais eventos levaram

Herculine a escrever coisas incompreensíveis em seu diário, cada vez mais desconexas, evidenciando a morte por suicídio que aconteceria no ano de 1860. Ao falar sobre a onipresença da memória coletiva na memória individual, Ecléa Bosi explica que

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (BOSI, 1994, p.47).

O comportamento apresentado por Barbin enquanto narra a si mesmo pode ser interpretado como uma forma de defesa contra as regras sociais no que concerne papéis de gênero na sociedade do século XIX, já que ele evita descrever sua forma física e não tenta esconder os seus sentimentos por Sara desde a primeira cena em que a personagem é introduzida.

O ambiente repressivo da igreja pode ser encontrado em romances autobiográficos e biográficos que versam sobre a homossexualidade, tais como *Pai, Pai* (2017), de João Silvério Trevisan, em que o mesmo dedica grande parte da obra a relatar sua trajetória de opressão e descobertas sexuais dentro de um ambiente completamente masculino, e também no romance *Un scandale au couvent* (1914), de Oscar Pizaia, escrito a partir da publicação da autobiografia, tendo como pano de fundo o convento de Douay, na Normândia.

Como dito anteriormente, a narrativa autobiográfica é prolífica no que concerne a literatura de autoria de pessoas trans. Os estudos de Califia e Beemyn são importantes contribuições para que haja uma arqueologia de como esta literatura teve início. Além disso, não podemos desconsiderar a grande contribuição dada por Judith Butler ao analisar sucintamente a autobiografia de Barbin em *Problemas de gênero*. Ao notar a qualidade heteroglósica, ainda que tímida, presente nos escritos de Herculine, Butler abre caminho para uma análise desconstrutiva acerca do próprio gênero ao qual a obra pertence, se considerarmos que o relato de si mesmo sobre o qual escrevemos contém inúmeras omissões de fatos, nomes e lugares, e que tais lacunas podem ter sido preenchidas a partir de licenças poéticas de seu autor.

A heteroglossia autobiográfica de Herculine Barbin

Poderíamos ir ainda mais longe em nossa análise e discorrer brevemente sobre o romance *Orlando: uma biografia*, de Virginia Woolf, publicado em 1928. Virginia dedicou a escrever uma biografia da sua amiga e amante Vita Sackville-West (GILBERT, 2014, p.11), numa tentativa de transpor ao personagem principal as características de Vita. O romance acompanha seu/sua protagonista-título em uma jornada de fluidez de gênero: na primeira metade do romance acompanhamos a vida do abastado aristocrata Orlando até que ele não tem seu amor correspondido por uma duquesa. Na segunda metade vemos Orlando transformar-se em mulher e adequar sua nova condição às normas sociais das sociedades patriarcais dos séculos XVI ao XX, tempos nos quais a narrativa se passa.

Assim como a autobiografia de HB, a obra de Woolf também é marcada por uma heteroglossia e por um hibridismo textual, já que a narradora joga com os pastiches do gênero biográfico e romanesco por diversos momentos da narrativa, desestabilizando as certezas do leitor acerca da veracidade e também da ficcionalidade daquilo que lê

Agora o biógrafo enfrenta uma dificuldade: será melhor confessar que existe ou fingir o contrário? Até aqui, ao narrar a vida de Orlando, documentos particulares e históricos permitiram cumprir o primeiro dever do biógrafo, que é seguir, sem olhar para a direita ou a esquerda, as pegadas indeléveis da verdade, não se deixando atrair pelas flores, sem dar atenção às sombras; marchar metodicamente até desabar dentro da cova e escrever finis na lápide acima de nossas cabeças. Mas agora chegamos a um episódio que está atravessando em nosso caminho, de modo que não se pode ignorá-lo. E, no entanto, ele é obscuro, misterioso e não-documentado, de modo que não se pode explicá-lo. Muitos volumes podem ser escritos no afã de interpretá-lo, sistemas religiosos inteiros podem ser fundados sobre o seu significado. Nosso simples dever é relatar os fatos tal como são conhecidos, e deixar que o leitor os entenda como quiser (WOOLF, 2014, p.87).

A relação existente entre Herculine Barbin e a figura de Orlando fica evidente a partir da estratégia estética empregada por Virginia Woolf, que ao revestir a sua obra de uma biografia paródica, esconde que por trás dessa heteroglossia há o legado autobiográfico dos então definidos como hermafroditas Herculine Barbin e Chevalier d'Eon de Beaumont, entre outros. A linha tênue existente o discurso cânone empregado na literatura de Woolf e o discurso explicitamente autobiográfico das obras citadas ficam fragilizados a partir de tal discurso, já que a autoria hermafrodita e a autoria de uma mulher cisgênero convergem heteroglossicamente com uma desleitura dos elementos presentes na biografia de Orlando. A própria escolha da autora em inserir o personagem

no contexto da Inglaterra elisabetana seria uma forma de anacronizar a sua militância feminista por meio de um personagem hermafrodita, explicitando a subversão de valores da alta sociedade renascentista.

Ao analisar a relação entre Michel Foucault no ato de republicação de *Herculine Barbin*, Judith Butler aponta para um possível espelhamento entre autor e criatura, baseado no fato de que, ao manter privada sua homossexualidade, Foucault recusava-se a tratar a fluidez de sexos de Barbin de modo pessoal ou de modo que pudesse lhe trazer alguma relação consigo mesmo, e entrando em contradição com sua própria teoria da sexualidade, visto a necessidade de dar uma classificação sexual e de gênero para Herculine, numa recusa de aceitar a possibilidade de existência de uma não-categoria sexual. A mesma relação entre autor e sujeito fictício pode ser apontada entre Virginia Woolf e Orlando, de modo que sua personagem seria a sua expressão de não-conformidade ao gênero feminino, sendo-lhe impossível transcender fisicamente a sua condição dadas as normas sociais que lhe submetiam a performar em conformidade às nuances atribuídas ao gênero feminino.

A transexualidade e o exílio

Após ser examinado por alguns médicos e fazer algumas confissões para padres, Herculine é judicialmente obrigado a assumir o papel de gênero masculino para adequar-se à sua anatomia aparentemente masculina. Ao assumir tal papel, conseqüentemente lhe é proibida a convivência ao lado de Sara e da família a qual o abrigava. Herculine Barbin é obrigado a mudar-se e conviver em um ambiente ao qual sua existência não tenha o poder de desafiar as regras ali designadas. Vemos então que a questão do exílio está presente na história de Herculine. Embora não tenha sido judicialmente obrigado a deixar a França, Herculine precisou exilar-se de seu ambiente de crescimento, sendo o convento e a família de Sara (ambos ambientes normativos e aparelhos ideológicos da heterofalocracia) os principais ambientes onde foi educado e teve sua subjetividade construída.

Ao voltarmos para *Orlando*, a temática do exílio também está presente no momento em que a personagem principal migra para uma ilha indígena para sentir-se melhor aceita em sua nova condição de mulher sem ser julgada pelos habitantes da ilha, e ao retornar, Orlando descobre que estava sendo processada judicialmente por não ser mais um homem

Era ré em três grandes processos movidos contra ela em sua ausência, bem como em numerosos litígios menores, alguns resultantes e outros dependentes das ações principais. As mais sérias acusações eram: (1) que morrera e, portanto, não podia possuir nenhum bem; (2) que era mulher, com iguais consequências; e (3) que era um duque inglês e que se casara com a dançarina Rosina Pepita. [...] Assim, foi numa condição extremamente ambígua, sem saber se estava viva ou se estava morta, se era homem ou mulher, duque ou João-ninguém, que ela viajou para a mansão no campo, onde, à espera do julgamento, tinha permissão legal de residir desde que se mantivesse incógnito ou incógnita, a depender da futura decisão (WOOLF, 2014, p.164).

A transgeneridade enquanto algo passível de fuga e exílio é um tema também existente em narrativas brasileiras datadas da segunda metade do século XX durante a ditadura militar. Como apontado por Fernandes (2017, p.10), as representações literárias de transexuais e travestis aparecem sempre em conformidade com uma necessidade por exílio e fuga. Em romances como *Uma mulher diferente* e *Georgette*, de Cassandra Rios, *O travesti*, de Adelaide Carraro, *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, os personagens são submetidos a exílios de sua cidade natal para que possam tornar possível a expressão da sua sexualidade, seja em razão de um impedimento familiar ou social que isto se torne possível.

A presença repetida de elementos em comum entre romances fictícios de literatura contemporânea e autobiografias de pessoas hermafroditas e transexuais que remontam aos tempos áureos da Modernidade remetem a uma composição de uma memória coletiva que, embora atrelada ao aspecto trágico imposto ao percurso existencial das pessoas desse grupo, também apresenta elementos que subvertem tal discurso ao revesti-los de contextos, ambientes e personagens que trazem consigo o oposto daquilo que aparentemente são, de modo que a memória individual seja resistente à aparência ontológica da memória coletiva que parece determinar o percurso tomado, sendo este um subproduto que não questiona a subjetividade embutida na memória que lhe é atribuída. No caso de uma autobiografia como a de Herculine Barbin, pautada principalmente no dispositivo confessional enquanto biopoder, como apontado por Foucault (1988, p.62), a estética da confissão teria a função de ao mesmo tempo evidenciar o seu modo de funcionamento, identificando os espaços e sujeitos responsáveis por sua perpetuação, ao mesmo tempo que um modo de penitência autoimposta a partir de seus conflitos internos e a não correspondência de si com a forma determinada pela sociedade, se fazendo ambivalente enquanto gênero e subjetividade, assim como definido por Butler.

A vontade de Herculine Barbin em explicitar seu ponto de vista como contraponto àquilo que foi estabelecido como normal fica explicitado por meio dos pontos dramáticos e da ênfase com a qual tece críticas aos setores sociais responsáveis por seu exílio e pela perda de autonomia e liberdade enquanto pessoa hermafrodita. A linguagem por vezes dramática de Herculine Barbin é uma forma de atribuir culpa aos respectivos padres, médicos e juízes responsáveis por sua condenação ao limbo. A voz de resistência é uma forma de cristalizar a própria experiência e subjetividade marginalizada, assim como pode ser reafirmada e concluída pelo seguinte pensamento de Judith Butler em *Caminhos divergentes* ao discorrer sobre os usos que são feitos da memória da Shoah em escritos de testemunho que relatam suas vivências nos campos de concentração

Se, ao contrário do que dizem os revisionistas, a linguagem preserva a referencialidade dos eventos – ou seja, tem uma ação arquivística, digamos -, talvez os meios de preservação e transmissão dos eventos sejam aqueles pelos quais a linguagem atua sobre o referente. [...] Mas há, pelo menos, dois pontos ainda mais fortes. Primeiro, para preservar o referente, deve-se agir sobre ele, e agir sobre ele é influenciá-lo e transformá-lo de alguma maneira; sem a ação sobre o referente, o arquivo não se preserva. Segundo, para que a realidade seja comunicada – o que significa superar as condições de incredulidade -, a linguagem deve agir sobre os fatos para produzi-los como uma realidade apreensível. Essa última tarefa não é fácil, pois equivale a conceber formas que comuniquem essa realidade, uma tarefa retórica e referencial ao mesmo tempo (BUTLER, 2017c, p.194).

Assim, a linguagem da autobiografia de Herculine Barbin funcionaria como uma espécie de “poética do subalterno”, de modo que sua experiência subjetiva e sua identidade sejam devidamente cristalizados sob a norma vigente marcada pela heterofalocracia e determinismo do século XIX. A voz que se insere no espaço normativo para posteriormente apontar suas regras e evidenciar seu caráter opressor constrói um espaço dentro das vozes históricas já cristalizadas para um novo modo de percepção da condição do subalterno hermafrodita do século XIX, e posteriormente para os que viriam a ser os transexuais dos séculos XX e XXI.

Conclusão

Percorremos, ao longo do artigo, a historiografia da literatura autoral de pessoas definidas como sendo transgêneros para situar a autobiografia de Herculine Barbin dentro de tal contexto. A partir disso, passamos pela teoria da sujeição e performatividade de

Judith Butler e a teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, para então tirarmos conclusões sobre a subjetividade hermafrodita a partir do relato de que Herculine Barbin faz de si mesmo, analisando aspectos como o espaço e as referências textuais que compõem a memória do personagem. A heteroglossia da autobiografia exerce grande importância na composição da identidade trágica performada pelo narrador, da qual grande parte advém das narrativas mitológicas da Grécia Antiga até os próprios personagens andróginos dos romances do século XIX. Por fim, averiguamos a influência que tal obra exerceu na posteridade de sua publicação, fazendo uma breve análise do romance *Orlando: uma biografia*, de Virginia Woolf, publicado em 1928 na Inglaterra, e expandindo o repertório de heteroglossias entre a autobiografia aqui estudada e outros romances contemporâneos de nacionalidades diversas. O que tal análise permite mostrar é que a memória individual de um grupo pode transcender a fisicalidade e a factualidade de narrativas ou acontecimentos, havendo, como aponta o estudo feito por Ecléa Bosi em 1994, uma confluência entre memória e percepção, associado à resiliência da sujeição, como dito por Butler, para formar a própria história e a própria epistemologia da sua subjetividade como forma de resistência ao cânone e à norma a qual estão circunscritos enquanto sujeitos.

Seria possível falar, portanto, em uma coexistência entre memória e performatividade? Seria possível que a memória, assim como o gênero, nacionalidade, entre outros, também fosse uma instância historicamente e discursivamente moldada por dispositivos de controle que a despeito de uma individualidade subjetiva apostariam na memória coletiva como uma espécie de determinismo da ontologia do ser e da sua própria história coletiva? Ao eleger figuras trágicas para representar a memória de um grupo minoritário tal qual a de pessoas hermafroditas, intersexo, transgêneros (ou quaisquer sejam suas definições performáticas ao longo da história ocidental), seria uma forma da sociedade heterofalocrática de cristalizar seres ontologicamente trágicos e subordinados à crueldade de um destino sem volta? Ao desconstruirmos as categorias sexuais enquanto dispositivos binários, evitando assim possíveis hierarquias entre categorias e abrindo novos caminhos para os estudos de gênero, poderíamos fazer o mesmo nos estudos da memória ao evitar a oposição entre passado e presente naquilo que concerne a criação de lembranças arquetípicas de grupos sociais minoritários, assim emancipando a especificidade das lembranças individuais enquanto produtoras de subjetividades independentes de noções pré-concebidas de identidades, cujas respectivas concepções devem estar subordinadas a memórias prontas que podem ser oriundas de discursos autobiográficos, autofictícios ou mesmo fictícios eleitos como memória modelo. A voz

de resistência em autobiografias de pessoas subalternas constitui uma forma válida de registro de discurso com o intuito de recontar uma história a partir da cristalização de um ponto de vista subalterno para que sua opressão seja revivida, recontada, reconstruída e repensada.

Referências

BARBIN, Herculine. Mes Souvenirs. In: FOUCAULT, Michel (org.). *Herculine Barbin dite Alexina B.* Paris: Gallimard, 2014.

BEEMYN, Genny. *A Presence in the Past: A Transgender Historiography.* Journal of Women's History – Vol. 25, nº 4, 2013. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/jowh/summary/v025/25.4.beemyn.html>. Acesso em: 23/01/2018.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.* Garamond: Rio de Janeiro, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Trad. Renato Aguiar. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017a.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.* Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

_____. *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo.* Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2017c.

CALIFIA, Patrick. *Sex changes: transgender politics.* Jersey, NJ: Cleis Press, 2003.

EMONT, Nelly. Les aspects religieux de l'androgynie dans la littérature du XIXème siècle. In: _____. *L'androgynie dans la littérature.* Paris: Albin Michel, 1990.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *A subalternidade de protagonistas travestis na narrativa brasileira do século XX.* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499436295_ARQUIVO_ar_tigoMM13FAZENDOGENERO17.pdf. Acesso em: 22/01/2018.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber.* Trad. De Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: _____. *A memória coletiva.* Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero, dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whatley. Relume-Dumara: Rio de Janeiro, 2001.

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transgênero” no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011.

WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. São Paulo: Penguin, 2014.